

Racismo e intolerância: crime contra a humanidade

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Pode parecer que, com tudo o que a humanidade tem avançado nos últimos anos, o racismo devesse estar em extinção. Não poderia ter lugar num mundo aonde a humanidade chegou a fazer uma Declaração dos Direitos Humanos, onde há associações e organizações inteiras manifestando-se e clamando quando um só destes direitos humanos é agredido a discriminação das pessoas pela cor da sua pele ou da pertença a uma certa etnia que lhe dá características corpóreas diferentes daquelas que tem o grupo mandatário de mais peso e poder no mundo de hoje: a raça branca.

E no entanto, é triste constatar que ainda levamos incorporados ao nosso imaginário, à nossa linguagem, ao nosso vocabulário de cada dia expressões despectivas em relação às pessoas de outra cor, de outra proveniência étnica ou cultural.

Segundo o pesquisador Lázaro Curvelo Chaves, no reino animal – de que pouco nos distanciamos e ao qual de certa maneira pertencemos, os seres humanos – o que define a “espécie animal” é a interfecundidade e a capacidade de gerar descendência fértil. Assim, se um casal de aves ou de mamíferos gera filhotes férteis, trata-se da mesma espécie animal, ou seja, da mesma raça.

Raças diferentes podem, em alguns casos, gerar descendência, mas esta não será fértil. A ciência tem feito experiências nesse sentido, comprovando a tese da infecundidade do cruzamento entre raças diferentes. É o caso do Pintagol, resultado do cruzamento de um pintassilgo com um canário belga, incapaz de gerar descendência, assim como o da mula, cruzamento de um cavalo com uma jumenta. Este último, apesar de resultar num animal mais forte e resistente que seus genitores, que é estéril! Os exemplos poderiam multiplicar-se.

A espécie ou raça humana tem como características principais o cérebro mais desenvolvido, a capacidade de simbolizar e de comunicar-se através da fala. As diferenças exteriores, aparentes, segundo estudos antropológicos exaustivos, não caracterizam “raças” distintas como a sociologia considerava até o início do século XX. Após o Imperialismo, o Neocolonialismo e, particularmente, o Nazismo, percebemos o equívoco grosseiro daquelas primeiras tentativas de apreender o humano em sua diversidade.

Fazendo um paralelo com nossos irmãos mais jovens, do chamado reino animal, percebemos que se um cidadão de origem japonesa contrai núpcias com uma africana, como nos mostram os contatos culturais disto resultantes, o casal gera descendência plenamente fértil. Trata-se, portanto, da mesma espécie, da mesma raça, qual seja, a raça humana. O mesmo acontece se um europeu caucasiano contrai matrimônio com uma nativa da América (“índia”): gerará descendência fértil! Esquimós, caucasianos, japoneses, tikuna, yanomami, zulus, sudaneses, bantos, papuas, chineses, etc, na verdade, do ponto de vista humano, são “culturalmente diferenciados”. A capacidade física e intelectual de toda a espécie humana é exatamente a mesma. Os diferentes resultados são consequência da formação cultural e social dos diferentes povos do mundo.

Na sociologia e na antropologia contemporâneas não há mais espaço para considerar, entre seres humanos, uma “raça superior” ou outra “inferior”, como o faziam os nazistas em relação aos judeus ou mesmo os caucasianos em relação aos

nativos da África ou da América. As diferenças são apenas aparentes: a cor de pele, por exemplo, devido à maior incidência de raios solares em certos pontos do planeta. Isso, evidentemente, não torna essas pessoas inferiores ou menos dignas da característica de humana. A força física e a capacidade intelectual é rigorosamente a mesma em toda a espécie humana.

A definição clássica de etnocentrismo é considerar a própria cultura ou civilização como superior ou, no limite, a única válida. Essa concepção teve como consequência o massacre dos índios americanos, a escravização dos negros, o neocolonialismo e mesmo as guerras deste século contra os muçulmanos do Afeganistão e do Iraque.

Portanto, se não se pode mais falar em “raças” quando nos referimos à espécie humana, o racismo não somente é uma agressão e um grosseiro erro de percepção e conhecimento como um crime contra a humanidade. É negar o estatuto de humana a uma pessoa quando se lhe dá um tratamento discriminado devido à cor da sua pele ou outro aspecto de sua aparência externa.

Como bem disse a cantora Zezé Motta em propaganda da Organização Não Governamental em defesa da igualdade entre os povos e culturas: *“No Brasil há pessoas de todas as cores: branca, amarela, negra... Quantas raças existem aqui? Você acertou se disse UMA, a Raça Humana!”*